

PERIGO VENEZUELANO

SARNEY E AGRIPINO RECHAÇAM ENTRADA DO PAÍS NO MERCOSUL E ALERTAM PARA SUA MILITARIZAÇÃO

Senado teme Chávez

GERALDO MAGELA/AGÊNCIA SENADO

O senador José Sarney (PMDB-AP) alertou ontem, na tribuna, para o perigo de a Venezuela se transformar numa potência militar que poderá levar a América Latina a uma corrida armamentista. Para o parlamentar, atuando contra a democracia a Venezuela não conseguirá ser incluída no Mercosul. Segundo ele, o clima no Congresso para votar a adesão da Venezuela ao Mercosul é desfavorável à aprovação, uma vez que o país "terá que mostrar que está pronto para a democracia".

"Não tendo essa cláusula democrática, a Venezuela estaria violando o tratado do Mercosul. Se essa situação de potência militar se concretiza, será uma corrida armamentista na América Latina. Será o desequilíbrio estratégico do continente. Vamos voltar de novo a pegar os nossos recursos e investir em armas? No momento, não há como a gente considerar que a Venezuela possa ser uma democracia exemplar", disse.

Sarney criticou o presidente Hugo Chávez, afirmando que na hora em que acaba a alternância do poder, acaba a democracia. O senador cobrou da diplomacia brasileira manifestações sobre a Venezuela e sobre o risco da corrida armamentista.

"Que democracia estão constituindo? Chávez está fazendo da Venezuela uma potência militar. Isso é um perigo. As armas têm que ser usadas no

sentido da defesa. Não poderemos admitir de outra forma que não a do diálogo. É um perigo para o Brasil e América Latina ter uma potência armada no continente", discursou.

"O Brasil é um exemplo (do quanto a América do Sul é pacífica) porque temos fronteira com dez países e vivemos pacificamente com todos. Nossos problemas de fronteira foram dirimidos através de árbitros e de meios pacíficos, assim constituímos o grande país que somos. Não podemos admitir outra fórmula que não seja a do diálogo para resolver os problemas do continente", reforçou.

■ Influência

O líder do DEM, José Agripino (RN), manifestou preocupação com a possibilidade de o regime político venezuelano exercer influências negativas sobre a democracia brasileira.

Dizendo-se francamente contrário à entrada da Venezuela no Mercosul, Agripino qualificou como totalitário o governo do país vizinho, por não acatar vários princípios democráticos, tais como a separação de poderes, as minorias oposicionistas, a liberdade de expressão e a alternância de poder.

"O Poder Executivo é absolutamente tutelador na Venezuela, lamentavelmente. A Suprema Corte tem composição favorável a Chávez, composição produzida por ele. O Parlamento, por manobras, é absoluta-



■ AMEAÇA À AMÉRICA: SARNEY DIZ QUE CHÁVEZ QUER TRANSFORMAR VENEZUELA EM POTÊNCIA MILITAR

mente submisso a ele. E o Poder Executivo é ele próprio, em função da PDVSA (estatal de petróleo), que é a própria Venezuela", comentou.

Agripino rebateu ainda o argumento frequentemente usado por defensores da associação da Venezuela ao Mercosul, segundo o qual somente o vigor da

relação comercial daquele país com Brasil justificaria sua entrada no bloco. Citando dados comprovando um relevante aumento das importações da Venezuela dos Estados Unidos nos últimos anos, em comparação ao crescimento menor das importações de produtos brasileiros, Agripino considerou ineficaz a

estratégia de aprofundar relações políticas — proposta por membros do governo brasileiro — visando ao incremento do intercâmbio comercial.

No último dia 24, a Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados aprovou o protocolo de adesão da Venezuela no Mercosul.